

Reiniciação cristã de adultos, teoria e práxis

0. INTRODUÇÃO

O catecumenato é uma antiquíssima instituição da Igreja. Como instituição eclesial, cristaliza na Igreja, no século III. E podemos defini-lo com C. Floristan como «a etapa de preparação para a vida cristã, ou o tempo de iniciação, que a Igreja exige aos convertidos, para que se transforme a sua fé inicial em profissão de fé explícita, sacramentalmente celebrada na comunidade cristã»¹.

Como hipótese de trabalho, continua C. Floristan, «podemos afirmar que o catecumenato é o serviço catequético da Igreja que aprofunda a fé do convertido, o educa na tradição cristã; despertando atitudes evangélicas com motivações de fé, o introduz na participação e corresponsabilidade da comunidade eclesial, através dos sacramentos de iniciação, mediante etapas adequadas»².

Tendo em conta as pessoas a quem se destina, poderíamos guardar o termo catecumenato para aqueles que fazem a preparação para os sacramentos de iniciação, como não baptizados, e o termo de reiniciação cristã para os que tendo sido baptizados não foram evangelizados, segundo a terminologia usada por Jesus Lopez³. Distinguímos uns e outros dos membros da comunidade cristã destinatários permanentes da missão evangelizadora da Igreja e sujeitos por isso da catequese permanente da mesma⁴.

¹ Casiano Floristan, *El catecumenado*, Madrid, PPC, 1972, p. 15.

² *Idem*, *ibidem*.

³ Jesus Lopez, *España, país de mission*, Madrid, PPC, 1979.

⁴ *Catechesi Tradendae*, n. 43.

Este documento escreve a propósito da catequese permanente: «Assim para ser eficaz, a catequese tem de ser permanente; ela baldar-se-ia, quase certamente, se parasse no começo da maturidade».

A XVIII Assembleia Plenária do Episcopado Espanhol (27 de Julho de 1973) sublinha a necessidade de acalentar a criação do catecumenato nas dioceses, não só para os adultos que se preparam para o baptismo, mas para todos os que não tiveram a devida iniciação cristã. Mais ainda, a criação do catecumenato entra como objectivo prioritário dentro da programação geral da educação da fé. No mesmo documento, escrevia o Episcopado Espanhol: «há-de buscar-se e promover-se a integração dos grupos espontâneos na comunhão da Igreja local, não sufocando o positivo do seu dinamismo, mas oferecendo-lhes meios de desenvolver a sua fé e ajudando-os a adquirir o perfil do seu estatuto eclesial»⁵.

Esta citação que fizemos do texto da XVIII Assembleia do Episcopado Espanhol fornece-nos o quadro da nossa reflexão. De facto pensamos que a reiniciação cristã é um objectivo prioritário na educação da fé, que há que acalentar o lançamento da reiniciação cristã; e pensamos também que há que reflectir em todo este problema numa perspectiva eclesial não sufocante das iniciativas, mas aberta.

I. A REINICIAÇÃO CRISTÃ NO MAGISTÉRIO DA IGREJA.

A Constituição sobre a Liturgia, do Concílio Vaticano II, apela expressamente para a restauração do catecumenato: «Restaure-se o catecumenato dos adultos, em vários graus, a praticar segundo o critério do Ordinário do lugar, de modo que se possa dar a conveniente instrução a que se destina o catecumenato e santificar este tempo por meio de ritos sagrados que se hão celebrar em ocasiões sucessivas»⁶.

Os documentos do Concílio consagram, por outro lado, uma certa natureza da iniciação cristã que o Ritual da Iniciação cristã de Adultos define suficientemente, ao escrever que este ritual se destina «àqueles adultos que, depois de terem escutado o anúncio do mistério de Cristo, movidos pelo Espírito Santo que lhes abre o coração, consciente e livremente buscam o Deus vivo e tomam o caminho da fé e da conversão»⁷.

⁵ XVIII Asamblea Plenaria del Episcopado español, La educación en la fe del pueblo cristiano (EFPC), Madrid, 1973.

⁶ SC, n. 64. Por sua vez o número 45 da mesma Constituição prevê as adaptações necessárias para terras de missão.

Ritual Romano da Iniciação Cristã de Adultos (RICA), Preliminares, n. 1.

Destes preliminares parece poder inferir-se que o conteúdo duma catequese de adultos é a descoberta do mistério de Cristo, revelador do Deus vivo.

Quer a Constituição sobre a Liturgia, quer os preliminares do Ritual, se referem, sobretudo, à iniciação cristã de adultos não baptizados. Podemos fundar no magistério da Igreja a reiniciação cristã de baptizados? E podemos fundar nesse mesmo magistério uma reiniciação cristã que seja mais que um aprofundamento da fé dos baptizados ou catequese permanente?⁸

Ao tratar da preparação para a Confirmação e para a Eucaristia dos adultos que baptizados em criança não receberam catequese, o Ritual escreve: «A preparação destes adultos exige um tempo prolongado pela mesma razão que a dos catecúmenos, tempo durante o qual a fé, neles infundida no Baptismo, deve crescer, atingir a maturidade e imprimir-se neles através da formação pastoral que lhes é dada. A par disto, importa robustecer neles a vida cristã, mediante uma disciplina apropriada que lhes há-de ser proposta, a catequese acomodada ao seu caso, o convívio com a comunidade dos fiéis e a participação em certos ritos litúrgicos»⁹.

Continuando, escreve o Ritual: «A organização da catequese corresponde a maior parte das vezes àquela que se propõe para os catecúmenos (Preliminares, n. 191). Mas, ao dar esta catequese, o sacerdote, o diácono ou o catequista deverá ter em conta a situação particular destes adultos que já receberam o dom do Baptismo»¹⁰.

A preparação para a Confirmação surge-nos portanto neste Ritual como a preparação para um sacramento de iniciação. Deverá a reiniciação terminar na Confirmação? Os números do RICA, que vão do 297 ao 305, parecem supô-lo.

Paulo VI, verificando as situações de descristianização crescente frequentes no nosso tempo, assinala não só a urgência de um catecumenato posterior ao Baptismo, como também a necessidade de primeira evangelização para muitos que receberam o Baptismo, mas que de facto não foram evangelizados.

«Sem necessidade de descuidar seja em que aspecto for, a for-

⁸ Até 1978 tinha-se insistido sobretudo na catequese de adultos como aprofundamento da fé. No I Encontro Europeu de Catequese de Adultos realizado em Paris (1-3 de Abril de 1978) assinala-se como objectivo da Catequese de Adultos, a iniciação (catecumenato para não baptizados) e a reiniciação (catecumenato para baptizados)

⁹ Ritual, n.º 296.

¹⁰ Idem, n.º 297.

mação religiosa das crianças, verifica-se que as condições do mundo actual tornam cada vez mais urgente o ensino catequético, sob a forma de um catecumenato, para numerosos jovens e adultos que, tocados pela graça, descobrem pouco a pouco o rosto de Cristo e experimentam a necessidade de a Ele se entregarem»¹¹.

E ainda escreve o mesmo Pontífice: «Se é verdade que este primeiro anúncio se destina especialmente àqueles que nunca ouviram a Boa Nova de Jesus e às crianças, é verdade também que ele se mostra cada dia mais necessário — e isto por causa das situações de descris-tianização frequentes nos nossos dias — igualmente para multidões de homens que receberam o Baptismo, mas vivem fora de toda a vida cristã, para as pessoas simples que, tendo embora uma certa fé, conhecem mal os fundamentos dessa mesma fé, para intelectuais que sentem a falta dum conhecimento de Jesus Cristo sob uma luz diversa da dos ensinamentos recebidos na sua infância, e ainda para muitos outros»¹².

João Paulo II escreve por seu lado: «dentre todos os adultos que têm necessidade de catequese, um solícito pensamento pastoral e missionário (...) vai também para aqueles que receberam uma catequese na sua infância correspondente a tal idade mas que em seguida se afastaram de toda a prática religiosa e se acham na idade madura com conhecimentos religiosos prevalentemente infantis; vai depois para aqueles que se ressentem duma catequese precoce, mal orientada e mal assimilada; e vai por fim para aqueles que, embora nascidos em países cristãos, que o mesmo é dizer num ambiente sociologicamente cristão, nunca foram educados na sua fé e são, chegados à idade adulta, verdadeiros catecúmenos»¹³.

Podemos concluir, pois, que a doutrina do magistério reconhece a existência dum grupo de pessoas que, tendo embora sido baptizadas, não foram evangelizadas; reconhece que o seu estado é como o estado dos catecúmenos; reconhece enfim que o método de evangelização dessas pessoas não é um método de aprofundamento da fé, mas sim um método de reiniciação. Que esta reiniciação pode ter o seu final no sacramento da Confirmação.

¹¹ *Evangelii Nuntiandi*, n.º 44.

¹² *Idem*, n.º 52.

¹³ *Catechesi Tradendae*, n.º 44.

II. O CATECUMENATO COMO PROCESSO DE EVANGELIZAÇÃO.

Mais do que a instituição catecumenal em si, tal como a conhecemos já cristalizada no séc. III, interessa-nos analisar aqui a dinâmica catecumenal.

Três elementos constituem esta dinâmica: a confissão de fé, o testemunho, a adesão à comunidade.

1. *Do primeiro anúncio à incorporação na comunidade*

Na Igreja apostólica, o anúncio constitui a primeira fase da evangelização (Actos 2, 14-39; 3, 12-26; 4, 10-12; 5,30-32; 10,36-43; 13, 17-41; 1Co. 15, 1).

Ora este primeiro anúncio não é de natureza demonstrativa ou especulativa, não entra nos esquemas da apologética tradicional. Mas é a proclamação de um acontecimento: ocorreu o inaudito, a irrupção decisiva de Deus na história.

Este kerigma é uma boa notícia, isto é, um evangelho. A este primeiro anúncio e ao tempo que vai entre ele e o catecumenato, chamam alguns autores o pré-catecumenato. Com Floristan podemos definir este como «a etapa pastoral dirigida aos não crentes interessados na vida de fé, aos adultos que pedem os sacramentos de iniciação sem estar convertidos e a praticantes mais ou menos ocasionais que na realidade vivem uma vida pagã»¹⁴.

O catecumenato dirige-se de facto a um convertido: supõe portanto uma etapa preparatória dirigida a simpatizantes. A tarefa do pré-catecumenato é, pois, transformar o pagão em candidato ao baptismo, em catecúmeno da Igreja.

Por esta razão não há catecumenato autêntico sem verdadeira evangelização, em cujo processo se situa o catecumenato. Podemos perguntar-nos também se pode haver evangelização sem catecumenato¹⁵.

¹⁴ Casiano Floristan, *op. cit.* p. 63.

¹⁵ Nas relações entre catecumenato e evangelização e evangelização e catecumenato, insistiram sempre as reflexões teológicas e pastorais sobre o catecumenato, em especial, F. Coudreau, *Catéchuménat et Mission*, in *Parole et Mission*, 2 (1958) 285-300; Liégé, *Le catéchuménat dans l'édification de l'Eglise*, *Parole et Mission*, 1 (1958), 31-34; e Laurentin e M. Dujarier, *Catéchuménat. Données de l'histoire et perspectives nouvelles*, Paris, Centurion, 1969 (nota 4).

O conceito e sentido da missão têm variado nos últimos anos. Atemo-nos, evitando as questões de escola, à doutrina do Vaticano II no seu decreto *Ad Gentes*. Este resume o sentido da missão na conversão dos homens a Jesus Cristo e na criação duma comunidade cristã em que se integram os convertidos.

Ora, qual é o conteúdo da conversão? Ou se quisermos, por outras palavras, conversão a quê? Conversão a Cristo como Senhor. O assunto tem sido estudado nas duas últimas décadas pelos melhores autores de Cristologia¹⁶.

Na verdade, o kerigma cristão anuncia um facto que faz estremecer a idiosincrasia da experiência humana comum: o facto de que Jesus actua na história à maneira de Deus, isto é, como Senhor. Assim o proclama Pedro: «saiba com certeza toda a casa de Israel: que Deus constitui Senhor e Cristo este Jesus que vós crucificastes (Actos, 2, 36). O anúncio de Jesus Cristo como Senhor é a práxis da Igreja primitiva e o centro do anúncio cristão (ver ainda Actos 3, 13,18; 4, 10-12; 5,30-31; 10, 36-42; 13, 28, 37; 1 Co. 15, 3-8; Fil. 2,11).

O acto de reconhecer a Jesus como Senhor supõe uma mudança radical, dizem-nos os Actos: ao ouvir isto, disseram com o coração compungido a Pedro: que havemos de fazer? Pedro respondeu-lhes; convertei-vos (Act. 2, 37).

Se a pregação exige a conversão, não é em virtude de uma acção moralizadora, mas porque anuncia o acontecimento da salvação, isto é, que o reino de Deus chegou na pessoa de Jesus.

A conversão realiza-se na sequência dum processo. É um seguimento (Mt. 4, 18-22; Mc. 1, 16-20; Lc. 5, 1-11; Jo. 1, 35-51). A conversão inicial é a resposta à primeira evangelização¹⁷.

O Ritual de Iniciação de Adultos apresenta assim o pré-catecumenato: «O ritual de iniciação começa com a admissão no catecumenato; o tempo que o precede, ou seja o pré-catecumenato, tem, no entanto, uma grande importância e habitualmente não se deve omitir.

¹⁶ Ver sobretudo O. Cullmann, *Christologie du Nouveau Testament*, Neuchâtel Delachaux et Niestlé, 1958.

¹⁷ O Vaticano II, falando de evangelização e conversão, distingue entre uma conversão inicial e uma mudança progressiva de sentimentos e costumes que pouco a pouco deve manifestar-se depois. «Esta conversão deve considerar-se certamente inicial, mas suficiente para que o homem perceba que, arrancado do pecado, é introduzido no mistério do amor de Deus, que o chama a iniciar uma comunicação pessoal com ele em Cristo (...) Trazendo consigo esta mudança uma orientação progressiva de sentimentos e de costumes, deve manifestar-se com suas consequências sociais e desenvolver-se pouco a pouco, durante o catecumenato» (AG. 13).

Nele se faz a primeira evangelização em que é anunciado com firmeza e constância o Deus vivo e Aquele que Ele enviou para salvação de todos, Jesus Cristo, de modo que os não cristãos, movidos pelo Espírito Santo que lhes abre o coração, abracem a fé e se convertam ao Senhor, em adesão sincera. Aquele que, sendo o caminho, a verdade e a vida, é capaz de satisfazer todos os seus anseios espirituais e até de infinitamente os superar»¹⁸.

2. Incorporação na comunidade

A evangelização cria comunidade, faz Igreja. Quem acolhe a palavra proclamada, vincula-se à comunidade cristã, aos menos de forma inicial. Tratando-se duma evangelização primeira, a vinculação à comunidade será, nesta fase, inicial. Esta primeira integração comunitária é um dos sinais da conversão inicial, é passo dado do individual ao comunitário.

Por isso podemos dizer com Floristan que «a comunidade cristã catecumenal é a comunidade dos convertidos a Cristo, admitidos no catecumenato, servidos pelos responsáveis e pela totalidade da comunidade cristã, debaixo de cuja ajuda se preparam progressivamente para a incorporação plena do povo de Deus como fiéis»¹⁹.

A comunidade ajudará os catecúmenos a fazer a passagem da primeira adesão da fé à vida plena sacramental. Assim os catecúmenos, segundo a tradição da Igreja, não são membros da comunidade eucarística que significa a comunidade plena, mas estão a caminho.

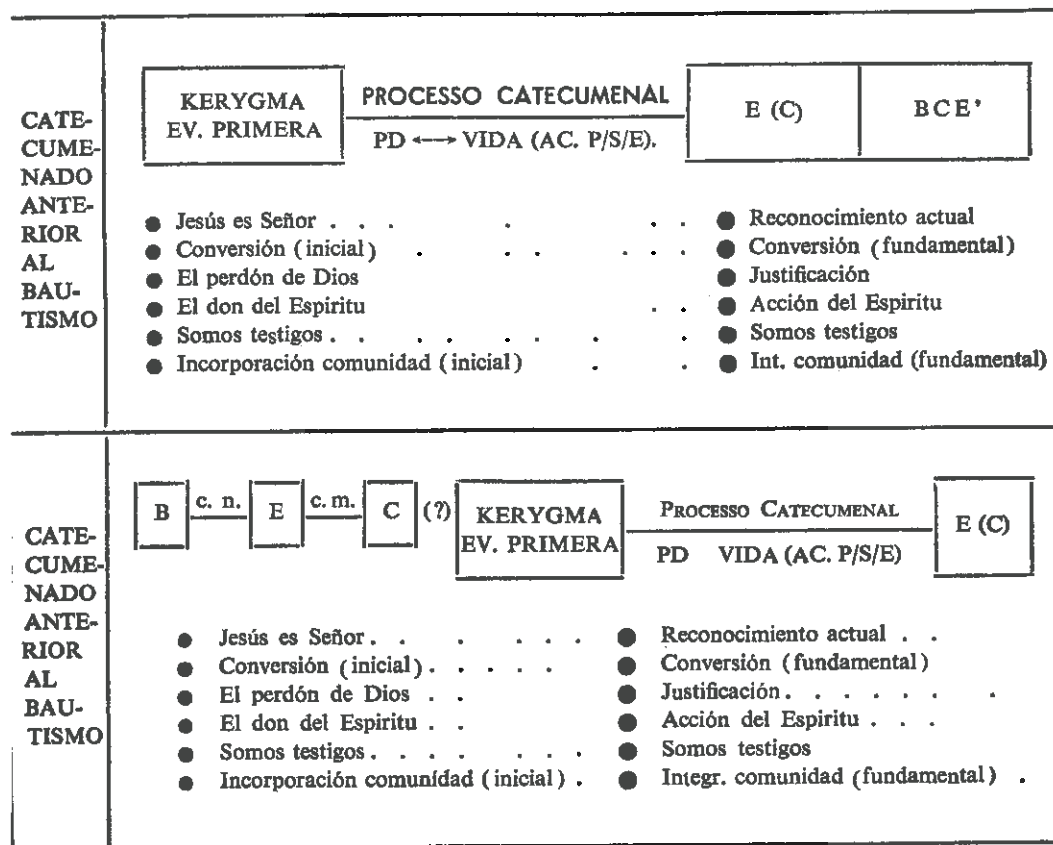
Segundo o Ritual de Iniciação Cristã dos Adultos, «o rito pelo qual aqueles que desejam tornar-se cristãos são admitidos entre os catecúmenos celebra-se quando, depois de terem recebido um primeiro anúncio do Deus Vivo, têm já o início da fé em Cristo Salvador. Pressupõe-se, portanto, realizada a primeira «evangelização», o começo da conversão e da fé e do sentido da Igreja, o contacto prévio com o sacerdote e com alguns membros da comunidade e ainda a preparação para celebrar este rito litúrgico»²⁰.

¹⁸ RICA, n.º 9.

¹⁹ C. Floristan, *op. cit.* p. 84.

²⁰ RICA, n.º 68.

O processo de evangelização que corresponde a esta dinâmica é-nos apresentado por Jesus Lopez com o seguinte gráfico ²¹:



(Gráfico 1)

3. Da incorporação na comunidade à celebração sacramental.

Quando o processo catecumenal é anterior ao Baptismo, findo este, celebra-se este sacramento. Se é anterior à Confirmação, é natural que ao fim se celebre a Confirmação. Se é anterior à Eucaristia, é natural que se celebre a Eucaristia.

Nos países ditos de velha cristandade, como é o nosso caso, o catecumenato é posterior ao Baptismo. Trata-se portanto de reinicia-

²¹ Cuadernos de Catequesis, Iniciacion al Catecumenado de Adultos, (ad instar manuscripti), documento 2, p. 4.

ção cristã, destinada a adultos baptizados, mas não evangelizados, nem catequizados.

A situação da maioria dos nossos cristãos é a de quem recebeu o Baptismo, de quem chegou mesmo à Confirmação, após uma catequese de infância, mas que depois abandonou a prática cristã. Sem repetir os sacramentos da Confirmação ou do Baptismo, de sua natureza irrepitíveis, a reiniciação cristã visa os mesmos objectivos do catecumenato pré-baptismal: uma personalização comunitária da fé, de toda a fé da Igreja.

Trata-se afinal de contas de chegar à mesma fé adulta que nos primeiros séculos, quando o catecumenato era institucional e necessário para o Baptismo.

O tempo que vai da incorporação na comunidade à celebração sacramental, é o tempo catecumenal propriamente dito. Segue-se ao pré-catecumenato e antecede a fase da mistagogia.

3.1. Objectivos do período catecumenal

Durante o período catecumenal, dirigido aos admitidos no catecumenato ²², pretende-se atingir os seguintes objectivos:

3.1.1. Amadurecimento da fé por uma catequese adequada

O objectivo da evangelização primeira ou pré-catecumenato é a comunicação primeira da fé: reconhecimento actual de que Cristo vive e é Senhor, e conversão daí decorrente. Trata-se nesta etapa de uma mudança existencial motivada por um anúncio primeiro (ver gráfico 1).

Os objectivos desta fase catecumenal são, em primeiro lugar, o amadurecimento da fé por uma catequese adequada. No esquema de Jesus Lopez, este período supõe duas fases da catequese: Uma primeira de iniciação (ou reiniciação) na experiência bíblica da fé, com uma pedagogia da descoberta do Deus vivo através dos caminhos que foram os do povo de Deus.

²² Na antiguidade eram estes admitidos chamados «audientes», ou «genuflectentes», e reservava-se a palavra «iluminandi», baptizandi», «competentes» ou «electi», para os catecúmenos da segunda fase. Ver P. M. Gy, Qu'est-ce qu'un catéchuméné, ? La Maison-Dieu, 71 (1962), 28-31.

segunda, que consiste na experiência cristã da fé, enquanto esta supõe uma nova imagem de Deus, do homem e do mundo.

A este período de catequização correspondem determinados temas de catequese ²³.

O esquema fornecido por Jesus Lopez ²⁴ para esta fase, é o seguinte:

Etapas	Precatecumenado	Catecumenado		Final
	Evangelización primeira	Catequización: 1.ª Fase	Catequización: 2.ª Fase	
Objetivos	Comunicación primera de la propia experiencia de fe: Cristo vive. conversión.	Al encuentro de Cristo por los caminos del Dios vivo: grandes experiencias bíblicas	<ul style="list-style-type: none"> ● Dios ● Hombre ● Mundo 	Purificación e iluminación (+ Mistagogia) <ul style="list-style-type: none"> ● Discernimiento ● Superación de resistencias ● Síntesis de fe ● Oración ● Sacramentos
Temas	1-2	3-11	<ul style="list-style-type: none"> ● 12-21 ● 13-41 ● 60-74 	<ul style="list-style-type: none"> ● DOC. 2: Líneas básicas del catecumenado ● ME 1. Introducción general, p. 75. ● 36 ● 52-59

(Gráfico 2)

O Ritual de Iniciação Cristã de Adultos, apresenta assim esta fase a que nos referimos: «Uma catequese adequada, adaptada ao ano litúrgico e baseada em celebrações da palavra, dada por sacerdotes, diáconos ou catequistas e outros leigos, leva os candidatos a uma con-

²³ Estes temas têm o conteúdo antes indicado. Por nossa parte, conhecemos apenas o catecismo espanhol: Manual del Educador. 1 Guía doctrinal. Conferencia del Episcopado Español, Madrid, 1976; e Manual del Educador. 2. Comisión Episcopal de Enseñanza y Catequesis, Madrid, 1977.

²⁴ Jesus Lopez, proyecto catecumenal, Iniciación al catecumenato de adultos, op. cit., doc. n.º 4.

veniente instrução sobre os dogmas e preceitos, e a um conhecimento íntimo dos mistérios da salvação que desejam aplicar à sua vida» ²⁵.

3.1.2. Educação do compromisso cristão, mediante uma contínua revisão de vida

A mentalidade cristã deve naturalmente ser imbuída pela fé de tal maneira que nada no homem e por via dele, no mundo, escape à dimensão redentora.

Não basta por isso desenvolver o sentido e o conteúdo religioso do Cristianismo. É necessário ir mais longe. Importa de facto que os cristãos aprendam a situar-se de maneira crítica no mundo e na história, pelo confronto e sobretudo pelo hábito do confronto da Revelação e da experiência da fé e das realidades intra-mundanas.

O Ritual de Iniciação desenvolve esta meta e constante do catecumenato nos seguintes termos: «No exercício diário da vida cristã, os candidatos, amparados com o exemplo e ajuda dos garantes e padrinhos e ainda dos fiéis de toda a comunidade, habituem-se a orar a Deus com mais facilidade, a dar testemunho da fé, a procurar Cristo em tudo, a seguir em seus actos a inspiração do alto, a entregar-se ao amor do próximo até à renúncia de si mesmos» ²⁶.

3.1.3. Inserção na vida litúrgica através das celebrações catecumenais

Para os catecúmenos em sentido estrito, a meta da iniciação cristã é primeiro o Baptismo e depois a Confirmação e a Eucaristia, eles também sacramentos da iniciação.

No nosso país de velha cristandade, onde muitos são os baptizados mas poucos os evangelizados, o processo catecumenal é normalmente posterior ao Baptismo.

Sem reiterar o Baptismo e a Confirmação, o catecumenato posterior ao Baptismo pretende os mesmos objectivos do catecumenato pré-baptismal: uma personalização comunitária da fé e de toda a fé da Igreja.

A reiniciação cristã deve assim tender para a Penitência e a

²⁵ RICA, n.º 19, 1.

²⁶ RICA, n.º 19, 2.

Eucaristia como final do catecumenato, segundo a organização da Quaresma cristã, como sugere o Ritual ²⁷.

O Ritual, falando desta finalidade do catecumenato, escreve: «Por meio de actos litúrgicos apropriados, a Mãe Igreja ajuda-nos na sua caminhada e assim eles vão sendo desde já progressivamente purificados e ao mesmo tempo sustentados pela bênção divina» ²⁸.

4. *Final do catecumenato.*

Ao fim do período de catecumenato propriamente dito, vem um período breve e intensivo, antigamente coincidente com a Quaresma, cuja estrutura é a de ser um grande retiro dos cristãos e dos catecúmenos dispostos e eleitos para aceder aos sacramentos pascais.

No gráfico n.º 2, este tempo aparece-nos como de purificação e iluminação, mais mistagogia.

Assim lhe chama também o Ritual ²⁹. «O tempo de purificação e iluminação dos catecúmenos coincide habitualmente com a Quaresma, porque esta, tanto na liturgia como na catequese litúrgica, por meio da recordação e da preparação do Baptismo e pela Penitência, renova a comunidade dos fiéis, juntamente com os catecúmenos e dispõe-nos para a celebração do mistério pascal que os sacramentos da iniciação cristã aplicam a cada um» ³⁰.

Neste grau era feita, na prática catecumenal da Igreja primitiva, a «eleição» e admissão ao Baptismo daqueles catecúmenos que, pelas suas disposições» fossem idóneos. A catequese deste período ordena-se à purificação do coração e da mente, por meio de vários ritos, sobretudo pelos «escrutínios» e pelas «tradições» do símbolo e da oração dominical.

«Os sacramentos da iniciação — Baptismo, Confirmação e Eucaristia — são o último degrau. Os eleitos (...) são agregados ao povo de Deus, recebem a adopção dos filhos de Deus, são introduzidos pelo Espírito na prometida plenitude dos tempos e, mais ainda, participam desde já no reino de Deus pelo sacrifício e banquete eucarístico» ³¹.

Este era o percurso do catecumenato pré-baptismal. Como deve

²⁷ RICA, n.º 27.

²⁸ RICA, n.º 19, 3.

²⁹ RICA, p. 12, n.º 21 e s.

³⁰ RICA, n.º 21.

³¹ RICA, n.º 27.

ser encarada, na reiniciação, esta fase da iluminação e da mistagogia?

Pensamos que esta fase do catecumenato deve ser encarada a partir do significado e da realidade da Quaresma cristã. A Quaresma nasceu como uma necessidade catecumenal, na qual se inseriam não apenas os catecúmenos, mas também os baptizados. A Quaresma tomou mais tarde o carácter penitencial, ao descer o número de adultos que se baptizavam e crescer o baptismo das crianças, concebendo-se a Penitência como um segundo Baptismo, necessário para todos os pecadores. A Quaresma ficou assim a ter um duplo carácter, como o recorda o Vaticano II ³².

Como dissemos, o que caracteriza o período final no catecumenato é a entrega dos escrutínios. Os exorcismos realçavam a intervenção de Deus para preparar os catecúmenos para o sacramento da regeneração ³³. Caracteriza ainda este período a entrega do Símbolo e do Pater.

Pensamos que a estrutura quaresmal, nas suas facetas litúrgica e parenética, deve ser mantida não apenas para os catecúmenos mas também para os reiniciados. Se estes ainda não estão confirmados, deve ser-lhes administrada a Confirmação como final do período catecumenal.

Se estão confirmados e se só agora se converteram a uma vida cristã adulta, então parece-nos que o catecumenato de reiniciação deverá terminar na Vigília Pascal pela Penitência e pela Eucaristia, como o conjunto dos cristãos.

Na verdade, «a celebração quaresmal da Penitência é fundamentalmente uma renovação baptismal» ³⁴.

³² SC, n.º 109.

³³ Ver a este propósito o estudo de Th. Maertens, História e Função das três grandes pericopas de cego de nascença, da Samaritana e de Lázaro e ainda o estudo de Roger Béraudy, Os escrutínios e os exorcismos, in Concilium, n.º 22, pp. 46-64, (ed. Morais, Lisboa, Recife).

³⁴ Cassiano Floristan, op. cit., p. 130. Isto mesmo transparece na escolha e selecção dos mais antigos textos da celebração quaresmal. A compreensão dos formulários da Quaresma é hoje possível graças aos estudos de Antoine Chavasse, professor da Faculdade de Teologia da Universidade de Estrasburgo. Ver deste autor, La structure du Carême et les lectures des messes quadragésimales dans la liturgie romaine, Maison-Dieu, 31, (1952, 76-119); e ainda, Le Carême romain et les scrutins prébaptismaux avant le IX siècle, Rech. Sc. Rel., 1948, 325-481.

O itinerário espiritual dos catecúmenos termina e culmina com a celebração dos sacramentos pascaís na Vigília Pascal⁵⁵. E naturalmente deve colocar-se também aqui o cume da reiniciação cristã.

A esta seguia-se, no catecumenato, a mistagogia, isto é, a penetração pelos batizados no sentido dos símbolos cristãos. A fase mistagógica é também parte importante da reiniciação cristã. O sentido da catequese mistagógica é participação na comunidade cristã, cujo cume é a celebração eucarística. É necessário descobrir a importância, durante este tempo, de três elementos fundamentais: a assembleia cristã, a participação litúrgica e o mistério sacramental da Igreja.

III. A CATEQUESE CATECUMENAL.

A catequese não tem sido o aspecto mais estudado da acção catecumenal. Na literatura do catecumenato, escreve Ch. Paliard, a catequese faz figura de «parente pobre»⁵⁶. Segundo este autor, a razão é que se partiu de uma situação em «que preparar um adulto para o Baptismo consistia essencialmente em dar-lhe uma instrução religiosa».

Foi necessário descobrir primeiro os dinamismos do catecumenato e sobretudo a função da conversão e os princípios da evangelização dos adultos, para se chegar, em seguida, às etapas da iniciação cristã.

A tarefa da instituição catecumenal hoje há-de consistir sobretudo em elaborar a catequese simultaneamente na invenção e na fidelidade à grande instituição catecumenal da antiguidade⁵⁷.

Por outro lado, não se tem desenvolvido praticamente nada a catequese de jovens e adultos. Esta principalmente, encontra-se ainda a dar os primeiros passos. É frequente ouvir-se que as comunidades paroquiais não possuem uma fé madura e que se encontram num estado religioso infantil. Poderá a reiniciação cristã fornecer às comunidades cristãs um meio de revigoração da sua vida comunitária?

1. O conteúdo da catequese primitiva

A catequese de iniciação deve transmitir o essencial da fé. Esse essencial consiste em ter uma iluminação interior (vivencial) e cate-

quética ou de ordem propriamente doutrinal. Assim é que fazia parte da instrução catecumenal antiga a «*traditio symboli*».

«Ao fim de cinco semanas de instrução, recebem os catecúmenos o Símbolo»⁵⁸. Ao entregar o Símbolo, o Bispo recomenda que os catecúmenos o aprendam de cor. «Para evitar que a alma morra por ignorá-lo, encerramos nestes poucos artigos todo o ensinamento da fé. Isto é o que quero que retenhais textualmente na memória»⁵⁹.

A entrega do Símbolo («*traditio symboli*») é uma etapa fundamental que contém todo o significado da catequese. Ao entregar o Símbolo, a Igreja transmite aos novos cristãos a fé e por isso esta entrega é um acto litúrgico. Temos, neste acto de entrega operante, a «tradição» («*traditio*») da Igreja em toda a plenitude de seu sentido teológico. A catequese manifesta-se então em todas as suas dimensões, isto é, a catequese é fundamentalmente a realização viva e actual da tradição da Igreja. A função do símbolo é exprimir resumidamente o conteúdo da tradição: sua natureza é catequética. O conteúdo do Símbolo difere de Igreja para Igreja, mas contém sempre um conjunto elementar e completo das verdades da salvação.

Durante os quinze dias que seguem a entrega do Símbolo, tem lugar a sua explanação: a «*explanatio symboli*». O bispo vai comentando artigo por artigo; esta explanação dura em alguns casos três horas por dia.

«E logo decorridas cinco semanas desde o início da instrução, então recebem o «*symbolum*», cuja natureza igualmente, tal como o significado de todas as escrituras, lhes é explicado, palavra por palavra, primeiro do ponto de vista literal e depois do ponto de vista espiritual (...). Assim nestas regiões, todos os fiéis seguem as Escrituras quando se lêem na Igreja porque todos são nela instruídos no decorrer dos quarenta dias desde a primeira hora até à hora terceira»⁴⁰.

Uma vez explicado o símbolo durante quarenta dias, deverá ser repetido pelo catecúmeno a quem se entregou. É a «*redditio symboli*». Este acto tem lugar no domingo de Ramos, antes da Semana Santa. Neste dia, o catecúmeno, sempre acompanhado de seu padrinho, recita solenemente, diante do Bispo, o símbolo.

⁵⁵ Peregrinação de Etéria, Liturgia e Catequese em Jerusalém no séc. IV, Petrópolis, Vozes, 1971, n.º 46.

⁵⁹ Cirilo de Jerusalém, cit. em *Iniciación al catecumenato de adultos*, op. cit., doc. 3, n.º 13.

⁴⁰ Peregrinação de Etéria, op. cit., n. 46.

⁵⁵ AG, n.º 13; SC, n.º 64.

⁵⁶ Charles Paliard, *A catequese no catecumenato*, Concilium, Fev. 1967, p. 45.

⁵⁷ Idem, *ibidem*.

A catequese dogmática pré-baptismal terminava na Igreja primitiva, com a «redditio symboli». A esta seguia-se a catequese mistagógica ⁴¹.

2. Conteúdo da catequese hoje.

A instrução catequética tem como fim fazer «que a fé, iluminada pela doutrina, se torne viva, explícita e activa» ⁴². Essa instrução baseia-se na Sagrada Escritura, na tradição, liturgia, magistério e vida da Igreja ⁴³.

Esta catequese catecumenal não é uma mera exposição dos dogmas ou preceitos, mas formação e noviciado convenientemente prolongado de toda a vida cristã, na qual os discípulos se unem em Cristo, seu Mestre» ⁴⁴.

Partindo destes pressupostos doutrinários do magistério da Igreja e partindo ainda da tradição catecumenal primitiva, fácil será concluir que qualquer «programa» catequético autêntico passa hoje pelas seguintes alíneas:

a) aceitação de todo o Credo, como conjunto coerente e articulado da fé. Não consiste esta naturalmente em saber de cor o Credo, mas significa a aceitação global da tradição de fé da Igreja.

b) Conhecimento aprofundado e capacidade de alimentar a fé cristã através da palavra da Bíblia. Aquilo a que o projecto catecumenal de Jesus Lopez chama as grandes experiências bíblicas.

c) Finalmente, deve o catecúmeno ter uma experiência litúrgica. A catequese e a liturgia estão ou devem estar intimamente ligadas. A catequese ilumina previamente o sentido dos actos litúrgicos em que o catecúmeno irá participar. Por outro lado, esta catequese serve para aprofundar o sentido dos actos litúrgicos celebrados.

O problema da reiniciação cristã tem de ser enquadrado a partir de alguns critérios simples, mas a ser tomados a sério. Quais são esses critérios?

Quanto a nós, o primeiro critério é o de que se trata de uma catequese de adultos. E isto não apenas por os destinatários serem os

⁴¹ Peregrinação de Etéria, n.º 47.

⁴² Ch. Dominus, n.º 14.

⁴³ Idem, ibidem.

⁴⁴ AG. n.º 14.

adultos, mas também porque se trata, digamos, de uma catequese adulta, isto é, que deve ter em conta as situações e circunstâncias de vida que afectam o homem contemporâneo.

E sendo assim, o problema que se põe ao adulto é naturalmente o da identidade cristã, isto é, o problema de saber o que é que o Cristianismo ajunta ao homem.

Esta catequese deve, em segundo lugar, ser progressiva, isto é, deve enfrentar o mistério de Cristo de maneira global mas indutiva.

Deve finalmente ser uma catequese unificada e unificadora da experiência humana e da experiência cristã.

Seria de pôr aqui a questão, importante questão, de qual deveria ser a articulação de um movimento tão importante como os Cursos de Cristandade e a reiniciação cristã. E também vice-versa, qual deveria ser a relação da reiniciação cristã com os Cursos de Cristandade.

E neste contexto, naturalmente eclesial e doutrinário, perguntamos: representarão os Cursos de Cristandade mais que o primeiro anúncio? E ainda, deverá este primeiro anúncio passar-se dos Cursos de Cristandade como experiência já largamente difundida e testada?

Aí têm os directórios diocesanos de catequese de adultos e todos os que se interessam por uma pastoral integrada e quanto possível doutrinariamente bem fundada, um tema não despreciando.

IV. REINICIAÇÃO CRISTÃ E SACRAMENTOS DE INICIAÇÃO.

O catecumenato preparava para o Baptismo. Para que deve preparar a reiniciação cristã, hoje, tratando-se de baptizados? Ou, por outras palavras, qual é a articulação que deve existir na experiência catecumenal entre desenvolvimento profético ou dogmático e sacramentos de iniciação, ou mais latamente, liturgia?

Discute-se neste momento entre os pastoralistas qual deve ser a sequência dos sacramentos de iniciação: se Baptismo, Confirmação, Eucaristia; ou se Baptismo, Eucaristia, Confirmação ⁴⁵.

A discussão tem inegável interesse pastoral. Mas podemos encontrar talvez no Ritual um ponto de partida de importância não despreciando. No seu cap. IV, intitulado «Preparação para a Confirmação e para a Eucaristia dos adultos que, baptizados em criança, não rece-

⁴⁵ Ver a este propósito, La confirmation, un sacrament qui cherche encore sa place, in Catéchese, Avril, 1979.

beram a Catequese», após dizer que a «preparação destes adultos exige um tempo prolongado pela mesma razão que a dos catecúmenos»⁴⁶, acrescenta que «a organização da catequese, corresponderá, a maior parte das vezes, àquela que se propõe para os catecúmenos»⁴⁷.

Partindo deste pressuposto que nos é claramente indicado pelo Ritual, teríamos então ora a Confirmação, ora a Eucaristia, como sacramentos da iniciação que são, como vértices da reiniciação cristã.

Todavia o Ritual escreve também: «O tempo da catequese deve adaptar-se ao ano litúrgico, sobretudo a última parte, que normalmente deverá coincidir com a Quaresma. Durante este tempo, é oportuno organizar celebrações penitenciais que conduzirão à celebração do sacramento da Penitência»⁴⁸. E ainda: «O vértice de toda a formação será habitualmente a Vigília Pascal, em que os adultos fazem a profissão da fé baptismal, recebem o sacramento da Confirmação e participam na Eucaristia. Se a Confirmação não puder ser dada na Vigília Pascal, por não estar presente um Bispo ou um ministro extraordinário da Confirmação, seja conferida quanto antes e até, tanto quanto possível no tempo pascal»⁴⁹.

Estas indicações do Ritual, levam-nos a duas conclusões: primeiro, o carácter penitencial do Baptismo aparece-nos como que substituído pela Penitência. Em segundo lugar, a Eucaristia aparece-nos, neste caso, como coroamento da caminhada, quer os adultos recebam a Confirmação, quer não. Finalmente, a Vigília Pascal aparece-nos, como na liturgia primitiva, como o polo e «o vértice de toda a formação»⁵⁰.

Partindo destes pressupostos, sem dúvida muito identificados e muito próximos da práxis da iniciação na Igreja primitiva, teríamos então a Vigília Pascal e a Eucaristia, como vértice da reiniciação cristã.

Resta acrescentar que se seguiria o tempo da mistagogia⁵¹.

⁴⁶ RICA, n.º 296.

⁴⁷ RICA, n.º 297.

⁴⁸ RICA, n.º 303.

⁴⁹ RICA, n.º 304.

⁵⁰ Idem, ibidem.

⁵¹ RICA, 305.

V. REINICIAÇÃO DE ADULTOS E COMUNIDADE CRISTÃ.

O catecumenato constitui um processo de integração eclesial. Na verdade, evangelizar é iniciar a experiência da fé e iniciar uma experiência comunitária de fé. Evangelizar é assim fazer comunidade.

Em 1972, *Pro Mundi Vita* organizava um colóquio sobre as «novas formas de vida comunitária»⁵². Um ano depois, organizava um novo colóquio sobre «novas formas de comunidade e ministérios»⁵³.

De facto, nestes últimos anos, em todos os continentes, mas sobretudo lá onde a evangelização foi levada mais a fundo, têm-se desenvolvido novas formas de comunidade e a «*Evangelii Nuntiandi*» deu a este tema um grande desenvolvimento, dando-nos as condições fundamentais da sua eclesialidade⁵⁴.

Para muitos teóricos da pastoral, a paróquia não é recuperável. Para outros é-o, na condição de se tornar comunidade de comunidades. Para um grande número todavia, a paróquia resiste bem e representa ainda uma circunscrição territorial-comunidade de grande interesse missionário.

Não podemos fugir à questão. A evangelização mais a fundo, com a conseqüente tónica na catequese e na vida cristã adulta, tem a ver com a comunidade, de tal maneira que, à pergunta que catequese ou que evangelização, responde uma outra: que comunidade. E à questão que comunidade, responde em contrapartida estoutra: que evangelização.

Partimos por conseguinte do facto fundamental que é perceptível a todos os pastores: a evangelização e a comunidade estão naturalmente imbricadas.

Mas, mesmo partindo deste pressuposto, temos de nos pôr a questão, difícil questão, de saber se sim ou não o catecumenato deverá ou mesmo poderá levar à criação de comunidades autónomas.

1. *A eclesiologia do Vaticano II*

A eclesiologia do Vaticano II permanece, quanto a nós, uma fonte inspiradora da prática pastoral e naturalmente também uma

⁵² Boletim, *Pro Mundi Vita*, n.º 41.

⁵³ Idem, n.º 50.

⁵⁴ *Evangelii Nuntiandi*, n.º 59.

fonte permanente de inspiração para a resolução dos conflitos, evangelização-comunidade, frequentes, sob várias formas, após o Vaticano II, e antes, naturalmente.

Muitos factos ocorreram na Igreja, nos últimos decénios, dos quais a eclesiologia teve de tomar conta para a sua teoria. Mons. Matagrín descreveu esta situação da vida da Igreja da seguinte maneira: «Trata-se de uma revolução, no sentido copernicano do termo, de uma mudança profunda que corresponde à teologia da Igreja definida como povo de Deus; é o passo duma Igreja que descansa abrigada na pirâmide, bispo ou sacerdote, a uma Igreja que se apoia na base, a comunidade dos cristãos. Isto tem de ser comparado com o que dissemos da necessidade de refazer o tecido comunitário, multiplicando grupos, equipas, comunidades. O esquema de uma Igreja que dá prioridade à relação vertical de cada um com o sacerdote, que é considerado como o único responsável, há-de ser substituído pelo de uma Igreja formada por cristãos que se sintam solidários no seio dos grupos, das equipas e das comunidades, criados a partir da Fé comum, fazendo-se responsáveis da vida e da missão da Igreja»⁵⁵.

Se citamos este documento do Bispo de Grenoble é justamente porque ele nos parece dizer bastante bem o que nós próprios constatamos: a saber, que as paróquias que optaram pela evangelização, vão completando, pouco a pouco, a relação vertical pároco-comunidade com a da relação grupo-líder; e que a responsabilidade da missão da Igreja que assume a unidade de missão, passa de responsável a co-responsável.

2. Modelos de comunidade cristã

Em dois artigos publicados recentemente, o pastoralista Casiano Floristan falava de alguns modelos de comunidade existentes hoje e distinguia os seguintes tipos: neo-catecumenais, pentecostais, populares e eclesiais⁵⁶.

Esta classificação refere-se naturalmente a Espanha de que somos, penso, bastante próximos. Por isso, tem interesse recordá-la, para nos situarmos.

2.1. Comunidades neo-catecumenais

A primeira comunidade deste tipo surge na paróquia de Cristo Rei, em Madrid, por volta de 1966 ou 1967. Os seus membros procedem dos cursos de cristandade e de movimentos matrimoniais. Kiko Arguello é o fundador do movimento.

Em 1976, havia em Espanha 450 comunidades deste tipo (de 30/40 pessoas cada uma) em 200 paróquias e 20 Dioceses. Em todo o mundo, eram então 2.000 comunidades em 800 paróquias e 42 países.

Tiveram uma audiência com o Papa Paulo VI, em 8 de Maio de 1976, a quem apresentaram uma informação sobre as comunidades catecumenais.

Estas comunidades são de tipo celebrativo, e assentam fortemente na convivialidade dos seus membros. Não aludem ao compromisso sócio-político nem à mudança de estruturas: tudo reside na transformação pessoal.

O processo catecumenal aqui, parte essencialmente da palavra de Deus que há-de ressoar no coração do homem. O processo catecumenal consta de três fases: O anúncio que dura dois meses, com duas reuniões por semana. Ao fim do anúncio há uma convivência de três dias a que se segue o pré-catecumenato. O pré-catecumenato dura dois anos.

Vem depois a passagem ao catecumenato que dura mais dois anos.

Segue-se o catecumenato durante três anos, com um ingresso solene presidido pelo Bispo.

Este privilegia o catecumenato como comunidade e não como forma de inserção na comunidade. Além disso, a duração é considerada demasiado longa. Os pastoralistas notam ainda um demasiado apego à palavra de Deus, que transforma estes grupos em comunidades fundamentalistas.

2.2. Comunidades carismáticas

A renovação carismática na Igreja Católica surge por finais de 1966 na Universidade de Duquesne (Michigan, USA).

Depois tem-se difundido um pouco por toda a parte. Realçemos o Congresso internacional perto de Roma, em 1973, e o apoio que deu a este movimento o cardeal Suenens.

Os grupos carismáticos de renovação pentecostal não se con-

⁵⁵ G. Matagrín, *Préparer aujourd'hui l'Eglise de demain*, Paris, Cerf, 1973 p., 60.

⁵⁶ Trabalho publicado em *Sal Terrae* 1 (1979) 61-72 — e 2 (1979) 145-154.

sideram a si mesmos grupos de acção ou de trabalho, mas «grupos de vida» a partir da experiência do Espírito.

Não existe propriamente um catecumenato nestes grupos.

São grupos tipicamente religiosos, com compromisso sócio-político nulo.

2.3. *Comunidades populares.*

O adjectivo «popular» aqui significa oposto a burguês. Na origem destas comunidades estão os padres-operários, a inserção de religiosos e religiosas na vida operária, o movimento operário, a militância de alguns cristãos em partidos de esquerda, etc.

A teologia destes grupos é a teologia da libertação. A Igreja de Cristo deve ser dentro da história força de libertação, comprometida com as lutas concretas dos homens, sobretudo dos mais pobres.

Nos seus começos, foram comunidades contestatárias, pondo em questão os actos oficiais da Igreja, acusada de estar ao serviço das classes poderosas. A sua pertença à Igreja é parcial, numa espécie de dialéctica crítica anti-institucional.

As suas celebrações são livres. A missa é popular: há informações e tomadas de decisão. A liturgia é politizada.

O compromisso político é muito forte e importante. A maioria dos seus membros têm compromissos em partidos de esquerda e sindicatos.

O catecumenato destas comunidades tenta ser uma reiniciação a uma fé com dimensões sociais, a partir de uma leitura do Evangelho e de toda a Bíblia como livro dum povo de pobres.

Estas comunidades não têm propriamente um catecumenato mas mais propriamente uma matriz catecumenal. Os temas mais tratados giram à volta de questões fronteiriças entre fé e política, dimensões da nova moral, retomar constante duma alternativa eclesial.

2.4. *Comunidades eclesiais*

Estas comunidades representam uma espécie de síntese de todos os elementos que constituem as anteriores, como soma constitutiva da Igreja.

Partem assim essencialmente duma eclesiologia renovada cujo constitutivo fundamental abarca a dimensão religiosa, o compromisso sócio-político e o carácter aglutinador da hierarquia.

Partindo da disciplina do catecumenato antigo, procuram restaurá-lo como uma dinâmica de evangelização.

Tudo o que escrevemos refere-se praticamente a esta alternativa.

3. *Catecumenato, comunidade cristã, paróquia*

Em Portugal, a paróquia continua ainda a ser uma estrutura importante no apostolado, embora em muitos casos anquilosada. Teremos de nos pôr aqui a difícil questão, que alguns temores tem levantado, provavelmente a justo título: deverá o catecumenato ou a reiniciação cristã levar a comunidades autónomas no conjunto da paróquia, sendo esta uma comunidade de comunidades; ou deverá ser um serviço dentro da paróquia, como o sector da catequese de jovens ou da catequese de adultos?

E sendo um sector, que relações deverá manter este sector com a comunidade já existente? E essas relações alterarão ou não a fisionomia da paróquia?

O Ritual parece ir no sentido duma inserção dos catecúmenos, por etapas, na comunidade cristã já existente. Assim parece ganhar importância nesta marcha catecumenal o garante, ou padrinho⁵⁷, o rito de entrada na comunidade⁵⁸, a participação na liturgia⁵⁹ e o rito final que, como dissemos, pode ser a Vigília pascal ou a Confirmação⁶⁰.

Pela nossa parte, assim pensamos também: que a reiniciação cristã deve fazer-se, como um sector importante da pastoral diocesana em ordem à evangelização dos baptizados a terminar na Confirmação ou na Vigília pascal segundo o estatuto do catecumenato primitivo, em ordem à integração na comunidade cristã. Todavia esta integração dos catecúmenos na comunidade cristã trará questões a ela mesma, segundo a pergunta: que comunidade para receber os reiniciados?

À partida quereríamos afirmar, quase peremptoriamente, que a reiniciação cristã não pode ser entendida como um serviço de «replatrê» da comunidade cristã, porque então não assume a sua identidade. Ora é preciso assumir a reiniciação cristã em toda a sua identidade. Mas será possível assumir a identidade do catecumenato fora duma comunidade missionária? Pensamos, à partida, que não-

⁵⁷ RICA, n.º 299.

⁵⁸ RICA, n.º 300.

⁵⁹ RICA, n.º 299.

⁶⁰ RICA, n.º 300.

Uma comunidade que não comece por descobrir a unidade de missão e a tarefa dos diversos sectores não terá descoberto o que escrevamos no começo destas linhas, a saber, que a eclesiologia do Vaticano II é essencialmente para a acção eclesial. Para que a reiniciação cristã transforme a vida das nossas comunidades, é necessária pois uma estratégia evangelizadora global, dentro dos parâmetros da doutrina do Vaticano II.

Em seguida será necessário potenciar a relação entre comunidade cristã e comunidade catecumenal, redescobrimo a função do apadrinhamento.

A função do apadrinhamento é eminentemente eclesial: compete à comunidade cristã a educação dos catecúmenos através do exercício da sua maternidade espiritual. Esta comunidade deve despertar a fé, acolher e sustentar, no sentido de servir de suporte aos convertidos. O apadrinhamento não é apenas uma tarefa pessoal, é uma função colectiva ou comunitária. Pressupõe uma comunidade cristã aberta à evangelização, apadrinhante.

Este apadrinhamento, acolhimento e tensão entre a comunidade de reiniciação e a comunidade já existente deve fazer-se lentamente, segundo os ritos prescritos no Ritual, através de um Directório pastoral da reiniciação cristã.

O capítulo IV do Ritual oferece, nesse sentido, sugestões muito válidas e a ter em conta.

VI. CONCLUSÕES.

Desta espécie de panorâmica pelo mundo da reiniciação cristã, avultam alguns pontos maiores, que são constitutivos da sua estrutura e que queríamos realçar na tentativa de prestar um serviço a todos aqueles que gostariam de se aventurar neste campo, urgente na Pastoral em Portugal, com algumas pistas sobre a verdadeira natureza daquilo que empreendem.

1. Há que reconhecer que o catecumenato, tal como o concebeu a Igreja primitiva, permanece a grande matriz da reiniciação cristã, nas suas dimensões essenciais de conversão, catequese, iniciação litúrgica e eclesial.

Este catecumenato antigo apresenta-nos na sua estrutura e no seu método uma concepção tão integradora dos valores constitutivos

da fé cristã, que seria superficial mesmo algo temerário a montagem de um catecumenato para cada gosto, ou o seguimento de experiências que, dos elementos constitutivos da experiência catecumenal da Igreja, guardam apenas aqueles que lhe interessam, desprezando os outros.

Por isso mesmo, chamamos catecumenato eclesial aquele que não potenciava especialmente nem a parte kerigmática do anúncio, nem o mero compromisso sócio-político. Parece-nos também que a mera experiência do Espírito não resiste a uma crítica teológica aprofundada, a partir da realidade de Jesus como revelador do mistério trinitário.

2. A publicação em português, de resto muito tardiamente, em Dezembro de 1979, do Ritual Romano de Iniciação Cristã de Adultos, e o que ele escreve a propósito da Confirmação, deveria fazer-nos pensar. Depois de dizer que «as sugestões pastorais que a seguir se apresentam têm em vista aqueles adultos, que baptizados em criança, não receberam depois catequese nem, por consequência, foram admitidos à Confirmação e à Eucaristia»⁶¹, o Ritual prescreve: «A preparação destes adultos exige um tempo prolongado pela mesma razão que a dos catecúmenos»⁶². E ainda: «A organização da catequese corresponde, a maior parte das vezes, àquela que se propõe para os catecúmenos»⁶³.

O simples enunciado destes princípios, ínsitos num documento de tanta importância para a acção pastoral, dever-nos-ia fazer reflectir sobre o tratamento que costuma ser dado ao sacramento da Confirmação e ainda a uma articulação mais precisa entre os sacramentos de iniciação em geral (e não apenas o Baptismo) e evangelização.

3. Já em 1973, a XVIII Assembleia Plenária do Episcopado Espanhol sublinhava a necessidade de acalantar a criação do catecumenato não só para os adultos não baptizados, mas também para os adultos que não tiveram a devida iniciação cristã. Dentro do programa geral da educação da fé, mais ainda, o catecumenato deveria entrar como objectivo prioritário.

Estas simples considerações teológico-pastorais quiseram apenas ser um contributo, em Portugal, para a reflexão sobre a urgentíssima tarefa da catequese dos Adultos, em que a *Catechesi Tradendae* tanto insiste.

ARNALDO DE PINHO

Professor do I. C. H. T.

⁶¹ RICA, n.º 301.

⁶² RICA, n.º 302.

⁶³ RICA, n.º 295.